

O GRITO DO **MANGLAVE** PELO CLIMA:

**Vulnerabilidades,
Injustiças Climáticas
e Demandas de Ação
das comunidades da
costa amazônica**



APRESENTAÇÃO

Nosso documento tem como base a vivência e prática cotidiana de pescadores e pescadoras que sentem os efeitos das transformações ambientais, seja na pesca, na agricultura, no manejo dos recursos naturais ou na reprodução das suas práticas culturais. Aqui apresentamos três aspectos:

1

As percepções das comunidades da zona costeira amazônica diante da crise climática;

2

A exposição e agravamento das vulnerabilidades sociais, econômicas e políticas das nossas comunidades;

3

As ameaças atuais e futuras aos nossos ecossistemas e as nossas comunidades.

**"NÃO SOMOS
NEM O COMEÇO
NEM O FINAL
DA AMAZÔNIA,
SOMOS A
CONEXÃO."**

Nossas comunidades relatam o aumento da temperatura do ar, das águas e do solo, a subida do nível do mar, a alteração do ciclo e da intensidade das chuvas, a mudanças no ciclo de vida de espécies e oscilações na produtividade pesqueira. A percepção das nossas comunidades sobre o clima não é apenas um registro empírico, mas constitui uma forma de conhecimento que orienta estratégias de adaptação, resistência e defesa do território e do maretório. Tais fenômenos, que impactam diretamente a nossa sobrevivência e a manutenção do modo de vida tradicional, são agravados pelo contexto estruturante de desigualdade social na conjuntura amazônica. Este documento, portanto, pretende contribuir para a construção de políticas públicas que reconheçam e integrem nossos saberes como parte essencial da gestão socioambiental e na efetivação da justiça climática.

Nosso grito vem de comunidades, mulheres e jovens: a Amazônia tem maré! E nós somos guardiões e guardiãs dos manguezais, dos rios, dos mares amazônicos e do clima do planeta.



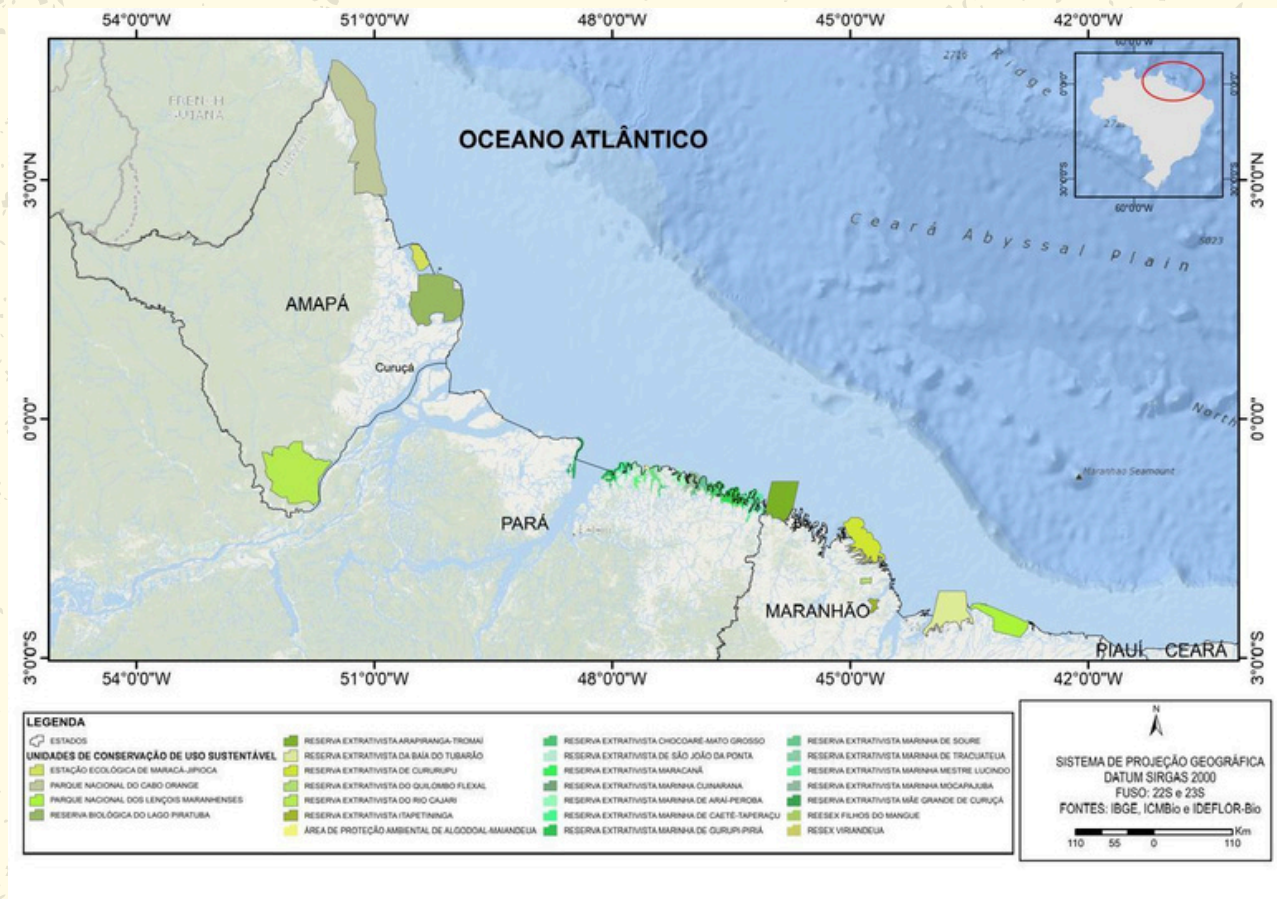
INTRODUÇÃO

As desigualdades sociais no Brasil têm raízes históricas e estruturais. **No extenso e ecologicamente crítico litoral amazônico**, estas desigualdades estruturais se manifestam de forma concentrada, expondo as comunidades a uma dupla vulnerabilidade. Nessas regiões, as comunidades tradicionais enfrentam restrições no acesso a políticas públicas, carências de infraestrutura, saneamento, saúde e educação. E lidam com impactos diretos da mudança do clima como subida do nível do mar e erosão costeira. Este quadro agrava a vulnerabilidade social e ambiental, sobretudo diante da crise climática, apesar do papel vital que a região desempenha na segurança global.

O **Cinturão Verde de Manguezais Amazônicos**, abrangendo Amapá, Pará e Maranhão, é a maior área contínua e protegida do mundo, representa cerca de 9% de toda área de manguezais do planeta, aproximadamente 1 milhão de hectares. Reconhecidos por sua produtividade e capacidade de sustentar cadeias alimentares, os manguezais são **berçários da vida marinha**, essenciais à pesca artesanal e à segurança alimentar de milhares de famílias. Também atuam como barreira natural contra tempestades, erosão e elevação do nível do mar. Este megabiodiverso ecossistema é **crítico** para a agenda climática: ele armazena de 10 a 20 vezes mais CO₂ do que florestas tropicais maduras.

O manguezal, ou como costumamos chamar "mangal", é a casa comum de aproximadamente 40 mil famílias, que dependem do ecossistema para sua segurança alimentar e exercem historicamente suas atividades socioprodutivas e culturais de forma sustentável. A proteção desse território se dá pelo mosaico de 25 áreas protegidas, unidades de conservação federais, em especial 19 Reservas Extrativistas Marinhas (RESEX). Criadas a partir da mobilização popular de povos e comunidades tradicionais, as RESEX integram conservação ambiental e reconhecimento dos modos de vida tradicionais, garantindo o direito ao território e ao uso sustentável dos recursos naturais. Mais que áreas protegidas, elas se configuram como ferramentas eficazes de mitigação e adaptação climática, fundamentais para a captura de carbono e para a proteção dos ecossistemas costeiros. Tais ações se alinham aos compromissos do Brasil nas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), evidenciando que fortalecer políticas de base comunitária é essencial para atingir as metas climáticas globais.

Os manguezais e o modo de vida das comunidades locais não são apenas vítimas: eles se colocam como **Soluções Baseadas na Natureza** essenciais frente à crise climática. Contudo, tanto o ecossistema quanto as comunidades a ele associadas estão duplamente expostos aos impactos das mudanças do clima. Portanto, a **Justiça Climática é uma demanda e um direito inegociável**, não apenas para os povos das marés e das águas, mas também para a própria natureza que os sustenta.



Mapa: Reservas Extrativistas Marinhas e Áreas de Proteção Ambiental onde ocorreu a Campanha Julho Verde 2025, inseridas na costa amazônica, nos estados do Amapá, Pará e Maranhão.



NOSSO MANGUE, NOSSO CLIMA, NOSSA GENTE

Mudanças percebidas no clima



Ao longo das últimas duas décadas, nossas comunidades relataram um aumento da temperatura do ar, da água e também no solo dos nossos territórios. Destacaram, a alteração no período e na intensidade das chuvas - nossa região é marcada pelo período chuvoso e seco, o qual chamamos de “inverno e verão amazônicos”. Nossa relação diária com o mar e com os rios, nos permite atestar a subida do nível do mar e a seca de rios. Essas mudanças climáticas têm contribuído para a redução na captura de peixes, mariscos e caranguejos e também alterações no período da safra da agricultura, e no ciclo de maturação de frutos essenciais para a subsistência dos povos tradicionais. Além disso, foram mencionados impactos como a salinização do lençol freático, alterações no período reprodutivo das espécies, e mudança nas áreas de descanso e dormitório das aves limícolas.



O próprio caranguejo hoje já se antecipou, a sua cadeia já está antecipando as suas tapagens de toca pela questão da mudança climática também, quer dizer que a própria natureza do caranguejo já se adiantou sobre essa questão, a gente percebe que a partir de julho o caranguejo já está com carapaça nova, já tem caranguejo que mudou a carapaça e assim fazendo esse ciclo juntamente com as mudanças climáticas.

Pescador RESEX Mãe Grande Curuçá.



O QUE TEM AUMENTADO OU DIMINUÍDO NO CLIMA DA SUA COMUNIDADE?

AUMENTOS/ALTERAÇÕES DE:

- Chuva (mais forte e desregulada)
- Temperatura
- Dias mais quentes
- Ventos fortes
- Alteração nos períodos chuvosos/verão
- Assoreamento dos rios e canais
- Danos à pesca artesanal
- Sedimentos em praias
- Floração de algas (Sargassum)
- Queimadas
- Mortandade de espécies sensíveis à temperatura (peixes, tartarugas)
- Espécies exóticas/invasoras (peixe-leão, camarão-da-malásia, camarão-tigre, tubarões)

DIMINUIÇÕES/PERDAS DE:

- Chuva no inverno/verão amazônico
- Produção de peixes
- Tamanho e captura do caranguejo
- Reprodução do caranguejo, peixes, mariscos
- Nível dos rios, igarapés e poços
- Área de floresta e manguezal
- Período de safra de pesca
- Desaparecimento de bancos de mexilhões e ostras
- Áreas de berçário, reprodução e alimentação de aves e mamíferos
- Disponibilidade de plantas medicinais e árvores frutíferas

IMPACTOS NO COTIDIANO E NAS ATIVIDADES SOCIOPRODUTIVAS

No dia a dia da comunidade, essas mudanças desencadeiam uma série de efeitos na segurança alimentar, hídrica e no modo de vida. Entre esses efeitos, destacamos: alterações no calendário da produção pesqueira e agrícola devido às chuvas; aumento do esforço de pesca; perda de área da comunidade dada a erosão costeira, assoreamento de rios, sensação de maior calor, assoreamento dos rios e conflitos com pescadores de outras comunidades.

No contexto dos recursos pesqueiros, observou-se a demora no crescimento dos caranguejos, desaparecimento de mariscos (como o mexilhão e ostras), diminuição do preço de venda do caranguejo e redução da catação pela escassez do recurso. Esse cenário tem levado à evasão de pescadores para outras áreas e comunidades, além da percepção de escassez generalizada de peixes, mariscos e crustáceos.

Outros impactos relatados incluem: falta de água, necessidade de percorrer maiores distâncias para pescar ou coletar caranguejos, mudanças nos horários da rotina de pesca e agricultura, abandono da atividade pesqueira em busca de outras profissões, afastamento de animais da região, perda de áreas de várzea e prejuízos no cultivo agrícola. Nossas comunidades relatam a necessidade de deslocamento de casas dada a erosão costeira, muitas já são consideradas como deslocados climáticos. Também apontaram consequências diretas na saúde, como problemas respiratórios. Assim como risco à saúde dos pescadores e pescadoras dado o agravamento da salubridade das atividades também foi mencionado.

**“OS IMPACTOS JÁ ESTÃO
CHEGANDO E JÁ SÃO SENTIDOS,
PRECISAMOS FAZER NOSSAS VOZES
SEREM OUVIDAS”**

**“TIVEMOS QUE MUDAR TODAS AS
FAMÍLIAS DE UMA ILHA PARA
OUTRA, AGORA A GENTE ENTENDE
QUE ISSO ERA POR CONTA DAS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS.”**

**“A MANIVA ESTÁ SECANDO NA
TERRA”**





COMO ESSAS MUDANÇAS TÊM IMPACTADO O DIA A DIA QUEM VIVE NA SUA COMUNIDADE?

IMPACTOS NA ECONOMIA E ROTINA DIFICULDADES NA SUBSISTÊNCIA:

- Rotina de pesca e agricultura alteradas pela chuva desregulada
- Dificuldade em comprar/vender o pescado, caranguejo, marisco, etc.
- Dificuldade em pescar/pegar pescado, caranguejo, marisco (maior esforço e tempo)
- Água de má qualidade
- Fome/Insegurança alimentar
- Impacto na segurança hídrica (falta d'água)
- Perda da cultura local e de tradições

IMPACTOS NA SAÚDE E MEIO SOCIAL, CONFLITOS E PROBLEMAS DE SAÚDE:

- Conflitos com pescadores de outras comunidades
- Aumento da pressão sobre o recurso caranguejo
- Doenças respiratórias e de pele
- Maior exaustão nas condições de trabalho
- Risco à segurança dos pescadores
- Mudança de comportamento dos animais

AMEAÇAS AOS MANGUEZAIS E AS COMUNIDADES

É fundamental considerar que a vulnerabilidade das comunidades não é recente, mas sim uma herança histórica de ordem colonial que se impõe sobre os nossos territórios. Esta estrutura persiste, limitando o acesso a direitos básicos e à infraestrutura adequada: água, saneamento, saúde e educação.

A essa herança somam-se as **sequelas socioeconômicas e sanitárias da pandemia do COVID-19** e o crescente aumento da exposição às **redes criminosas** e de tráfico de drogas.

Chamamos a atenção para o fato de que a **crise climática atua como um multiplicador de risco**, agravando drasticamente todas essas circunstâncias preexistentes e comprometendo a capacidade de adaptação e de resiliência dos povos das marés.

O desmatamento aparece como uma das principais preocupações, ocorrendo de diferentes formas, como a derrubada de florestas de terra firme e vegetação do mangue, tanto nas margens quanto nas nascentes de rios. O aumento da fronteira de soja e outras monoculturas como o arroz e o dendê também apresentam ameaças aos territórios e maretórios. Foram relatadas práticas predatórias como a utilização de redes apoiadas, fuzarca, além do uso de malhas muito pequenas, e uso de venenos. Para a pesca do caranguejo a utilização do “fiapo” e “laço”, foi relatada como ameaça. De forma geral, apesar da importância da pesca artesanal como atividade de subsistência e econômica para a Amazônia costeira, a atividade segue com carência de gestão, seja no manejo, no monitoramento ou na fiscalização.

Outros fatores mencionados incluem diferentes formas de poluição, como a contaminação de rios e manguezais por resíduos sólidos, líquidos e até poluição sonora, associadas ainda à falta de alternativas adequadas para o descarte de resíduos e aos problemas gerados especificamente pelo descarte dos resíduos de caranguejo no manguezal. Também foram citados o assoreamento dos rios, a expansão da construção civil, o turismo desordenado e predatório e a aquisição de terrenos para pessoas de fora da comunidade.

Um aspecto importante a ser considerado é a “Erosão” do Tecido Social e da Governança Comunitária: A crescente pressão da monetização das relações e o fomento ao individualismo enfraquece as estruturas de governança comunitária, desvalorizam o conhecimento tradicional coletivo e comprometem a capacidade de resiliência e a coesão social dos povos da maré diante de crises externas.

“

Entre trens e navios estão espremidos as populações tradicionais de Upaon-açu. A estrada de ferro cortando tudo, os navios entrecortando e as nossas comunidades virando um recheio de um sanduíche tóxico

Liderança, pró RESEX Tauá-Mirim.





HÁ ALGUMA ATIVIDADE QUE TEM AMEAÇADO OS MANGUEZAIS E A COMUNIDADE?

AÇÕES ANTRÓPICAS DESTRUTIVAS

- Desmatamento de manguezais e nascentes
- Erosão de praias (para construção)
- Construção de portos clandestinos
- Uso de redes de pesca com malha pequena
- Caça de animais e extração de ovos (aves, quelônios, répteis)
- Atividades econômicas industriais e imobiliárias
- Queimadas
- Alta extração de caranguejo
- Pesca esportiva não regulamentada
- Pesca com apetrechos e técnicas destrutivas (laço, fiapo, tapa buraco, rede apoitada, bomba, timbó, curral, rede mereira, rede de arrasto, fuzarca)
- Carcinicultura
- Uso de inseticida
- Água de lastro
- Pesca/captura de espécies vulneráveis/ameaçadas (mero, peixe-boi, botos, tartarugas, tubarões...)

IMPACTOS SÓCIO-AMBIENTAIS: POLUIÇÃO, CONFLITOS E FALTA DE APOIO

- Falta de esgoto
- Descarte indevido de resíduos orgânicos (resíduo do caranguejo)
- Descarte indevido de resíduos (em geral)
- Poluição sonora
- Poluição (rios, sonora, agrícola, industrial, química, lixo)
- Pesca fantasma
- Falta de fiscalização na pesca
- Turismo predatório (sem regulamentação ambiental)
- Pesca esportiva não regulamentada
- Dificuldade de acesso à saúde
- Conflito fundiário
- Venda de terras para pessoas de fora da comunidade
- Usinas eólicas
- Pesquisas sísmicas
- Falta de oportunidade profissional para jovens e adultos das comunidades
- Extração de petróleo na costa amazônica



CUIDAR DAS MULHERES, É CUIDAR DO MANGUE E DO CLIMA

As mudanças climáticas impactam de forma desproporcional as mulheres em comunidades costeiras, especialmente as pescadoras, marisqueiras, agricultoras, apicultoras, que dependem diretamente dos manguezais e estuários para garantir sua subsistência e renda.

Pescadoras e marisqueiras são nossas guardiãs, pois guardam conhecimento, práticas e os transmitem para toda comunidade. Estão atentas às mudanças no território, e acumulam trabalhos e funções ao lidar com a instabilidade das atividades produtivas das comunidades. Valorizar o conhecimento ecológico local das mulheres e incorporá-lo às estratégias de adaptação é, portanto, essencial para promover a justiça climática e fortalecer a resiliência das comunidades pesqueiras.



JOVEM GUARDIÕES DOS MANGUES E DO CLIMA

A juventude do litoral amazônico é especialmente impactada pela ausência de oportunidades e pelo agravamento das vulnerabilidades socioambientais, condições que têm forçado a evasão de jovens para os centros urbanos. Essa migração representa uma grave perda de capital humano e de conhecimento tradicional para a gestão dos maretórios.

No entanto, acreditamos firmemente que a juventude detém o potencial transformador para revitalizar e valorizar nossas práticas ancestrais sustentáveis. Eles são a chave para a inovação social e ecológica, garantindo a participação ativa na proteção e defesa dos manguezais e das comunidades.

Por isso, nossos jovens são os guardiões do presente e do amanhã, sendo essenciais para a concretização da Justiça Intergeracional e para a resiliência climática de todo o bioma costeiro.

As demandas dos Guardiões e Guardiãs dos Manguezais Amazônicos por Justiça Climática



Eu sou um caboclo que tenho o espírito do Chico Mendes. Sou do agir. Liderança do Maretório



EIXO I: DIREITOS, GOVERNANÇA E AUTONOMIA

- **Garantia da Consulta Livre, Prévia e Informada (CLPI)**, em total conformidade com a OIT 169, sobre quaisquer empreendimentos, políticas ou ações que impactem os territórios, os modos de vida e a autonomia dos povos do maretório.
- **Apoio à construção e implementação dos Protocolos Comunitários de Consulta e Consentimento** e sistemas de salvaguarda próprios do maretório amazônico.
- **Assegurar a participação plena e efetiva** das comunidades extrativistas costeiras e marinhas nos processos de decisão, fóruns e convenções de clima e biodiversidade (nacionais e globais).
- **Garantia de participação equitativa e informada** das comunidades extrativistas em todas as etapas de desenvolvimento e implementação do **Planejamento Espacial Marinho (PEM)**.
- **DECRETO IMEDIATO** das propostas de **Reservas Extrativistas Marinhas** pendentes na costa amazônica, priorizando a criação das RESEX **Tauá-Miri (Maranhão)** e RESEX **Flamã, em Oiapoque**; RESEX **Bailique, em Macapá**; RESEX **Amapá-Sucuriçu, em Amapá**; e RESEX **Goiababal, em Calçoene no Amapá**, garantindo a proteção e a gestão de territórios essenciais para o *Blue Carbon* e a biodiversidade.

MANGUEZAIS EM RISCO
PETRÓLEO NA AMAZÔNIA



EIXO II: ADAPTAÇÃO, GESTÃO E SUSTENTABILIDADE

- **REJEIÇÃO E VETO IMEDIATOS** a quaisquer **projetos de exploração e prospecção de petróleo e gás na Foz do Rio Amazonas e na Margem Equatorial**. Exigimos a moratória permanente para atividades que ameacem o maior cinturão de manguezais do mundo, a biodiversidade marinha e a subsistência das comunidades extrativistas costeiras, comprometendo a segurança climática do país.
- **Desenvolvimento e implementação urgente** de Planos de Adaptação Climática, com recorte específico para os municípios costeiros da Amazônia, com base em saberes tradicionais.
- **Implementação e apoio técnico e financeiro** para instrumentos de gestão territorial efetivos nos maretórios, alinhados às metas nacionais, incluindo planos de manejo, cadeias de valor da sociobiodiversidade e o **Turismo de Base Comunitária (TBC)**.
- **Criação e financiamento de sistemas de monitoramento e levantamento de dados** sobre a produção pesqueira artesanal, com metodologia liderada e validada pelas comunidades.
- **Reforço imediato das ações de comando e controle e fiscalização ambiental** nos maretórios, para coibir a pesca ilegal e a degradação.
- **Regulamentação e fiscalização rigorosa** contra a pesca predatória e ações de educação ambiental sobre manejo sustentável, com foco na regeneração do estoque pesqueiro.
- **Assegurar a plena e imediata implementação** de todos os instrumentos de gestão das Reservas Extrativistas Marinhas (RESEX Marinha) da Amazônia.



EIXO III: FINANCIAMENTO E EDUCAÇÃO

- **Criação de uma Arquitetura Financeira** que viabilize o **financiamento climático direto e desburocratizado** para as organizações e iniciativas de base comunitária;
- **Apoio e escala para modelos de Educação Contextualizada**, como o das Escolas da Maré e das Águas, garantindo que o currículo atenda às necessidades, saberes e à cultura extrativista amazônica.



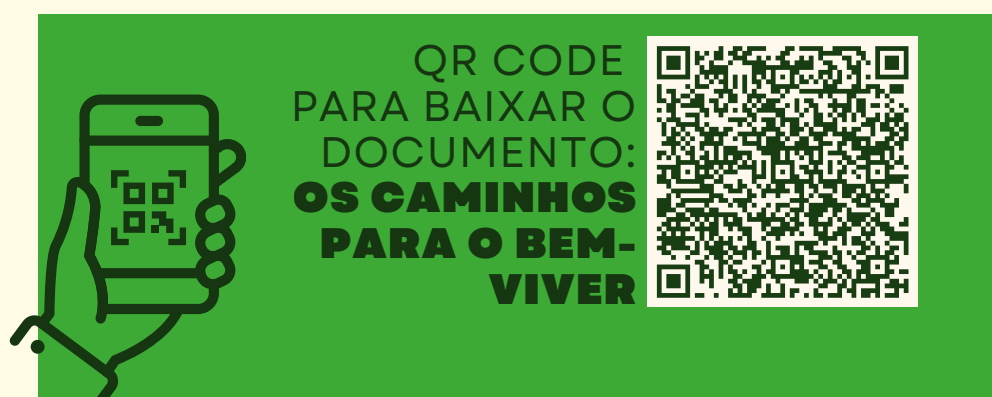
FICHA CATALOGRÁFICA

Sandra Regina Pereira Gonçalves
Bruna Maria Lima Martins
Luana Mescouto
Renilde Piedade da Silva
Fred Luís Lima Carvalho
Thiago Maiandeua
Mailton Silva Santos
Erivelton Chaves
Paulo César Jesus Torres
Carmelita de Fátima Sousa Luz
Francisco Castro Barata
José Roberto Gárcia de Moraes
Ivan Costa Palheta
Laércio de Sousa Amoras
Kléio Silva Fonseca
Rosa dos Reis Albuquerque
Katiciene Pereira Conceição da Silva
Núbia do Socorro da Silva Bahia
João Carlos Gomes da Silva
Oséas Saraiva Rocha
José Roberto Tavares da Silva
José Carlos Tavares
Mary Jane Costa Fonseca
Josenilde Ferreira Fonseca Carlos
Gilberto Luís Costa Fonseca
Núbia Cristina da Silva Pinheiro
Alberto Lopes Cantanhede
Katia Regina Aroucha Barros
Júlio Gárcia
João Batista Ataíde Ferreira
Jeivison Monteiro Matos
Nubia Cristina da Silva Pinheiro
Tatiana Rocha de Azevedo

Realizadores: Rede Maretorio, rede Cuiras, Rede Mangues, Confrem, Meros do Brasil

Apoiadores: Fundo casa Socioambiental, Arayara, Rare Brasil, EDF

Fotos: Enrico Marone / Acervo Rare Brasil | Erivelton Chaves | Felipe Martins



REALIZADORES



**REDE
cuíra**
Jovens Protagonistas dos
Manguezais Amazônicos



APOIADORES

